

**VI CONGRESSO INTERNACIONAL
CONSTITUCIONALISMO E
DEMOCRACIA: O NOVO
CONSTITUCIONALISMO LATINO-
AMERICANO**

**DIREITO, GÊNERO, SEXUALIDADES E
RACIALIDADE**

Organizadores:
José Ribas Vieira
Cecília Caballero Lois
Marcela Braga Nery

**Direito, gênero,
sexualidade e racialidade:
VI congresso
internacional
constitucionalismo e
democracia: o novo
constitucionalismo latino-
americano**

1ª edição

Santa Catarina

2017



VI CONGRESSO INTERNACIONAL CONSTITUCIONALISMO E DEMOCRACIA: O NOVO CONSTITUCIONALISMO LATINO- AMERICANO

DIREITO, GÊNERO, SEXUALIDADES E RACIALIDADE

Apresentação

O VI Congresso Internacional Constitucionalismo e Democracia: O Novo Constitucionalismo Latino-americano, com o tema “Constitucionalismo Democrático e Direitos: Desafios, Enfrentamentos e Perspectivas”, realizado entre os dias 23 e 25 de novembro de 2016, na Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ), na cidade do Rio de Janeiro, promove, em parceria com o CONPEDI – Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, a publicação dos Anais do Evento, dedicando um livro a cada Grupo de Trabalho.

Neste livro, encontram-se capítulos que expõem resultados das investigações de pesquisadores de todo o Brasil e da América Latina, com artigos selecionados por meio de avaliação cega por pares, objetivando a melhor qualidade e a imparcialidade na seleção e divulgação do conhecimento da área.

Esta publicação oferece ao leitor valorosas contribuições teóricas e empíricas sobre os mais diversos aspectos da realidade latino-americana, com a diferencial reflexão crítica de professores, mestres, doutores e acadêmicos de todo o continente, sobre DIREITO, GÊNERO, SEXUALIDADE E RACIALIDADE.

Assim, a presente obra divulga a produção científica, promove o diálogo latino-americano e socializa o conhecimento, com criteriosa qualidade, oferecendo à sociedade nacional e internacional, o papel crítico do pensamento jurídico, presente nos centros de excelência na pesquisa jurídica, aqui representados.

Por fim, a Rede para o Constitucionalismo Democrático Latino-Americano e o Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGD/UFRJ) expressam seu sincero agradecimento ao CONPEDI pela honrosa parceria na realização e divulgação do evento, culminando na esmerada publicação da presente obra, que, agora, apresentamos aos leitores.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Racialidade. Novo Constitucionalismo Latino-americano.

Rio de Janeiro, 07 de setembro de 2017.

Organizadores:

Prof. Dr. José Ribas Vieira – UFRJ

Profa. Dra. Cecília Caballero Lois – UFRJ

Marcela Braga Nery – UFRJ

**A INTEGRAÇÃO DOS NEGROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA SOB AS
PERSPECTIVAS DE GILBERTO FREYRE E FLORESTAN FERNANDES**

**THE INTEGRATION OF BLACKS IN BRAZILIAN SOCIETY FROM THE
PERSPECTIVES OF GILBERTO FREYRE AND FLORESTAN FERNANDES**

Bianca Freire Ferreira ¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo principal analisar os pensamentos de dois grandes autores do pensamento social brasileiro: Gilberto Freyre e Florestan Fernandes no que se referem à questão do negro na formação da sociedade brasileira. O debate abordará as teses sobre o papel do negro no período escravista e na pós-abolição objetivando, ao mesmo, tempo estabelecer um dialogo entre os dois autores que possuem visões distintas sobre a história do negro no Brasil.

Palavras-chave: Negro, Escravidão, Resistência, Inserção

Abstract/Resumen/Résumé

This work has as main objective to analyze the thoughts of two great authors of Brazilian Sociology: Gilberto Freyre and Florestan Fernandes in referring to the issue of black in the formation of Brazilian society. The discussion will address the theses on the role of blacks in slavery period and aiming postabolition at the same time establish a dialogue between the two authors who have different views on the history of blacks in Brazil.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Black, Slavery, Resistance, Insertion

¹ Mestranda em Sociologia Política - IUPERJ UCAM Especialista em Direito Penal e Processo Penal - UNESA
Bacharel em Direito - UVA

Introdução

No Brasil, a produção obras que, sob o aspecto sociológico abordam o papel do negro no período de escravidão e pós-abolição é elevada. Destaca-se que a questão principal dessas produções está na diversidade de pontos de vista das conclusões teóricas produzidas pelos intelectuais brasileiros.

Nesse sentido, verifica-se que Gilberto Freyre em sua obra mais conhecida, *Casa Grande & Senzala* aponta o caráter benevolente da sociedade escravocrata, ou seja, de acordo com o autor, o período da escravidão foi um processo harmonioso e quase ausente de conflitos entre senhores e escravos. Em contrapartida, Florestan Fernandes em *O Negro no Mundo dos Brancos* e *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, assim como Fernando Henrique Cardoso, Jacob Gorender, rejeita a tese de Gilberto e afirma, de forma contundente, a violência exacerbada praticada pelo regime de produção escravista sobre os negros.

Dessa forma, pode-se dizer no plano teórico metodológico que esses dois posicionamentos sobre a escravidão no Brasil refletem o confronto de ideias entre a escola culturalista da antropologia de Franz Boas em que Freyre se apoiava e o método histórico dialético de Marx defendido por Florestan e outros.

Assim, o presente artigo abordará e confrontará as ideias de Florestan Fernandes e Gilberto Freyre sobre o papel do negro na formação da sociedade brasileira com o objetivo de refletir sobre os limites teóricos de suas obras, além de aspectos que continuam sendo discutidos nas academias contemporâneas sobre as condições históricas e sociológicas da presença do negro no Brasil.

1. Desenvolvimento

1.1 Considerações gerais sobre Florestan Fernandes e Gilberto Freyre

Florestan Fernandes e Gilberto Freyre são considerados grandes nomes da sociologia brasileira. Florestan nasceu no estado de São Paulo, ingressou no começo da década de 1940 na Universidade de São Paulo (USP), onde se formou em Ciências Sociais. Na mesma instituição, obteve os títulos de mestre, e doutor na Escola Livre de Sociologia e Política.

A obra deixada por Florestan é vasta e diversificada, abrangendo estudos sobre temas variados. Porém, é possível observar seu empenho em entender a sociedade brasileira como um todo, os conflitos que deram origem à sua formação, seu desenvolvimento e as perspectivas futuras. Florestan se destacou pela concepção questionadora que adotou, não só na maneira de analisar a realidade social, mas também como o pensamento sociológico em si. É por esse motivo que Florestan é considerado o fundador da Sociologia crítica brasileira.

Gilberto Freyre também tem destaque na sociologia brasileira, nascido em Recife, formou-se em Ciências Política em Columbia no ano de 1922. Após o lançamento de *Casa Grande & Senzala*, Freyre recebeu diversos títulos, prêmios e honras acadêmicas de universidades pelo mundo.

O autor adota como ponto inicial de análise da sociedade brasileira pressupostos até então pouco explorados. O dia-a-dia passa a ter uma abordagem particular e original, que tem como atores de destaque o negro e o índio.

Freyre é reconhecido como o pensador da vida cotidiana, como historiador da intimidade, da cultura em oposição ao mundo institucional. Seus trabalhos trazem uma imensa riqueza de detalhes, de descrições, onde se percebe que o autor recorreu a variados tipos de fontes para corroborar suas ideias: cantigas coloniais infantis, provérbios, receitas culinárias, documentos oficiais, etc.

1.2 O papel dos negros na formação da sociedade brasileiro segundo Gilberto Freyre

Até o início do século XX, as produções literárias referentes à construção da sociedade brasileira ignoravam a participação do negro enquanto um agente responsável pela formação da sociedade no Brasil, uma vez que para esses pesquisadores da identidade brasileira, o negro representava a parte não civilizada da nação que acabara de nascer.

Na primeira metade do século XX emergiu no Brasil uma série de discursos (culturais e político) que procurou demonstrar uma “cordialidade” social, fruto da mistura das três raças que deram origem à sociedade brasileira. Freyre é um representante dessa rede discursiva e vai abordar em suas obras a doçura nas relações sociais partindo do seu próprio mundo: o da casa-grande e senzala e dos sobrados.

Os trabalhos de Freyre trazem consigo uma vasta riqueza de detalhes e descrições, onde se percebe que o autor utilizou diversos tipos de fontes para corroborar suas ideias: cantigas coloniais infantis, provérbios, receitas culinárias, documentos oficiais, etc.

Pode-se dizer que a obra freyreana é voltada para a constituição social brasileira. Nela, o sociólogo procurou transformar a negatividade vista na miscigenação, o mulato, em algo benevolente. Casa Grande & Senzala rompeu as barreiras do preconceito ao assumir a “mulatidade” brasileira como algo positivo. Freyre diluiu os conflitos onde a raça e as classes sociais se misturavam num adocicado “paraíso” onde senhores e escravos conviviam em harmonia oriunda do cruzamento da sensualidade das mulheres africanas e indígenas com uma suposta cordialidade e ausência de racismo do homem branco português.

O sociólogo tenta, a todo momento, explicar como a presença e a influência negra pode ser sentida na vida do homem branco, e ao mesmo tempo se fundamenta na democracia racial, ao relatar que os homens brancos de sua época se recordam da escrava ou que os amamentou, que os embalou e que os deu de comer durante toda a infância. Freyre (FREYRE, G.1989, p 80) relata com nostalgia:

a negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação de homem.

Casa Grande & Senzala em muitos momentos pode ser confundida com um livro de literatura em razão do adocicado enredo que conta com um apanhado rico em detalhes da vida cultural e política com reflexos na vida social brasileira.

Gilberto Freyre exalta o negro e também o indígena. Exalta o português. Assim, nota-se que entre eles há uma união estável, perfeita, incontestável. O negro completa o branco e deles surge o que há de mais valioso no Brasil: o mestiço. A relação entre senhor e escravo é ausente de qualquer tipo de agressão, seja ela a física ou a psicológica. Nesse sentido ao analisar a obra de Gilberto Freyre, o sociólogo José Carlos Reis, (REIS.J.C, 2000,p 80) afirma que:

A interpretação de Freyre se apoia sobre uma concepção conciliadora do tempo histórico brasileiro. Para Bastos, ele propõe uma articulação do velho e do novo, a união da tradição com a modernidade. (Bastos, 1986; Barbu, 1981). A história brasileira não é compreendida em termos de ruptura, conflitos, mudanças bruscas. Ela é vista como uma história pacífica, tranquila, integradora das diferenças. A narrativa de Freyre, assim que

percebe conflitos, produz a sua dissipação. Os conflitos são percebidos, não são escamoteados, mas administrados. [...] Aqui, o senhor é ameno com o escravo, o branco com o negro e o índio. Mas essa amenidade, ao invés de apagar a diferença, intensifica-a. Se o escravo se rebelar, o senhor esquecerá as suas boas maneiras. É uma interpretação do Brasil válida enquanto continuamos uma sociedade conservadora.

O autor vislumbra no Brasil colonial, ao invés de uma luta intensa entre senhor e escravo, uma consonância entre ambos, uma busca por uma convivência estável e harmônica.

1.2.1 A democracia racial e a miscigenação para Gilberto Freyre

Embora não formulada por Freyre, e sim por Florestan Fernandes, a “Tese da democracia racial” é, de várias maneiras, encontradas em seu trabalho. De acordo com o autor, a formação histórica do povo brasileiro, resultaria de um diálogo com os autores do século XIX, em um debate temático, tendo como base a constituição do povo que se originou da mistura racial que se operava no país a este tempo.

Interessante destacar que os políticos e os latifundiários, já na metade do século XIX, consideravam o Brasil um "paraíso racial". Mesmo assim, preocuparam-se em trazer para cá, imigrantes europeus para trabalhar. A imagem de paraíso onde povos, com diferentes características raciais, vivem em harmonia, é um conceito importante para interpretar a realidade social do Brasil, Gilberto Freyre, em estudos sobre o período colonial, intensificou a imagem do "paraíso racial" brasileiro.

Segundo o autor, o fato de não haver no país leis discriminatórias contra os negros depois da abolição da escravidão corrobora as ideias de convivência pacífica entre as raças constituintes da sociedade brasileira.

Essa interpretação dada por Freyre é influenciada por sua origem patriarcal e por seus estudos nos Estados Unidos. Freyre estudou antropologia na Columbia University, e teve como principal orientador Franz Boas. Segundo Freyre, as boas relações entre senhores e escravos no Brasil colonial fez com que surgisse no Brasil do século XX a atual harmonia racial, contrariamente ao que ocorre nos Estados Unidos, onde conflitos raciais acontecem a todo o tempo.

Gilberto Freyre questiona as interpretações e rejeita as afirmações que se fundam na inferioridade de uma raça sobre outra, discurso predominante naquele momento

histórico. Também questiona a debilidade biológica e cultural, resultante do caldeamento racial entre brancos, indígenas e africanos.

Para Freyre, a relação de senhores e escravos impede a existência de conflito. Seus argumentos se opõem ao racismo e dão ênfase ao papel civilizador dos negros que podem ser considerados partícipes na formação do povo brasileiro, operando simultaneamente no processo de mestiçagem e no de difusão e incorporação do aparato cultural do “estoque” africano, isto é, há uma absorção de seus usos e costumes pelos brancos, que reconhecem a adaptabilidade dos mesmos à realidade tropical.

Nas obras do autor, o até então chamado de dominado foi o dominante, o que transforma as concepções até então estabelecidas em relação ao racismo. É no seio da família patriarcal que se dá o amalgama das culturas: a casa-grande é o cenário político para esta realização dos “antagonismos equilibrados”. O complexo “casa-grande e senzala” é o símbolo das relações sociais. É com bases fincadas na senzala que a casa-grande ganha força social facilitará o triunfo do patriarcalismo, frente a Igreja e face à metrópole.

De uma forma geral, pode-se dizer que os estudos do sociólogo se debruçaram predominantemente na questão racial negra no Brasil que teve origem na escravidão. Tangencialmente também considerou a miscigenação do europeu com os povos indígenas, a ponto de concluir que a "brasilidade" racial brasileira se sintetizava num homem moreno, em cujas veias correria sangue português, africano e indígena. Por isto, o Brasil não deveria ser definido como um país de brancos, nem de negros, mas como um país miscigenado.

Com esta ideologia conciliadora, baseada numa interpretação histórica de convivência predominantemente benigna entre senhores e escravos, Gilberto Freyre contribuiu, certamente, para o encaminhamento político futuro da questão racial no Brasil. Para uma convivência racial pacífica no Brasil não convém incentivar "arianismos" e tampouco discriminações raciais de qualquer espécie. Muito embora essa seja a política adotada de uma maneira geral, não se pode alegar a existência de fato de uma "democracia racial" em um país onde discriminação e exclusão racial-social estão presentes até os dias atuais.

1.2.2 Questões polêmicas sobre Casa Grande & Senzala

A polêmica Freyreana começa a ser observada, quando as relações afetivas entre o senhor de engenho e o escravo negro são abordadas. Na Casa Grande “É verdade que desde esses tempos remotos o “Senhor” se adozou em ‘sinhô’, em ‘nhonhô’, e, ‘ioiô’, do mesmo modo que ‘negro’ adquiriu na boca dos brancos um sentido de íntima e especial ternura: meu ‘nêgo’ minha ‘nêga’...” ou seja, de acordo com o sociólogo as relações não eram apenas cordiais ,mas também íntimas, como demonstram as formas de tratamento mencionadas no texto.

Outro ponto polêmico da obra está nas relações sexuais entre negros, índios e brancos. Para Freyre, existia uma espécie de sadismo do branco e de masoquismo do índio ou do negro que teria predominado e fundamentado as relações sexuais e sociais do europeu com as mulheres das raças submetidas. Nas relações sexuais entre os senhores e os negros, Freyre aponta os escravos como pessoas passivas, submetidas ao desejo sem limites do senhor e nesta submissão encontraria também um prazer, o que afastaria completamente qualquer ideia de que tais relações pudessem ser definidas como estupro. A conclusão de Freyre é que “a relação senhor/escravo é uma relação sadomasoquista, isto é, uma relação de prazer sexual e até afetuosa, com violência.

Contudo, a Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre, não significou apenas o lugar de harmonia e cordialidade entre senhores e escravos. O escravo também se mostrou ativo no momento em que a obra Casa Grande & Senzala apresenta ao leitor o lado obscuro dessa relação(FREYRE, G.1989, p 55):

Mas não foi toda de alegria a vida dos negros escravos... Houve os que se suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandingueiros.

Como se sabe, Freyre é conhecido por ter propagado a ideia de uma relação benigna entre senhores e escravos no Brasil. De fato, em *Casa-Grande & Senzala* o sociólogo sugere em vários momentos uma visão edulcorada da escravidão no Brasil, inclusive quando compara a questão dos negros no Brasil com o cenário de violência que caracterizaria o regime escravista no sul dos Estados Unidos. Entretanto, cumpre salientar que, assim como o sociólogo caracteriza como leniente a escravidão no Brasil, há também passagens em que Freyre denuncia o sadismo dos senhores e dos padres jesuítas com os escravos, a crueldade das senhoras em relação às escravas mais bonitas, a

“sifilização” de indígenas e negros em virtude do contato sexual com os portugueses, entre outras imagens que sugerem a violência das "relações raciais" no Brasil.

As duas realidades benignidade e violência estão presentes em Casa-Grande & Senzala e são descritas por Freyre que construiu um pensamento segundo o qual a formação brasileira seria marcada por "um processo de equilíbrio de antagonismos". Dessa forma, os conflitos existentes na sociedade brasileira seriam amenizados, isto é, os antagonismos que poderiam ocasionar conflitos maiores caminhariam, no Brasil, para um processo de harmonização.

Os críticos à valorização da miscigenação apontaram para os exageros do pernambucano ao afirmar que a “mestiçagem” teria corrigido as distâncias sociais no Brasil e ao considerar o mestiço um tipo superior às demais raças. Ou seja, o que os críticos desejaram apontar é que o processo de miscigenação no Brasil não resultou numa amenização das desigualdades sociais entre as "raças" e que Freyre foi imaturo ao crer nessa ideia, de valorizar a mestiçagem e principalmente colocando o fruto dela em uma escala superior aos demais.

1.3 O papel dos negros na formação da sociedade brasileiro segundo Florestan Fernandes

Obras como “O Negro no Mundo dos Brancos” e “A Integração do negro na sociedade de classes” desempenharam a função fundamental de desmistificar o caráter harmonioso da escravidão no Brasil. Além disso, o autor constata que após o período escravocrata a situação da maioria dos negros e mulatos ficou ainda pior, uma vez que sem condições de ascender socialmente na sociedade de classes que nascia no Brasil, acabaram marginalizados.

1.3.1 A democracia racial para Florestan Fernandes

Ao escrever sobre a diversidade de raças que constituem a sociedade brasileira, Florestan formula a tese sobre a “democracia racial”, que, implicaria em um diálogo harmonioso entre as raças existentes no Brasil. Ao criticar obra de Freyre, o sociólogo afirma que neste país a “democracia racial” não existe e jamais existiu. Tal instituto nada mais é do que uma ideologia que procura mascarar a face racista e dominadora de classes que é praticada pelas elites burguesas brasileiras. Nesse sentido, faz-se necessário colacionar o discurso do próprio Florestan (FERNANDES, F, 2003 p.10):

A falsa consciência oculta a realidade e simplifica as coisas. Todo um complexo de privilégios de comportamento e valores de uma ordem social arcaica podia manter-se intacto, em proveito dos estratos dominantes da nação. As elites e as classes privilegiadas não precisavam levar a revolução social à esfera das relações sociais, na qual a democracia germinaria espontaneamente...

Ainda sobre o mito da democracia racial, defendida por Freyre, Florestan Fernandes observou que, em vez de democracia surgiram, no Brasil, indícios de discriminação e no lugar da harmonia, o preconceito. Ele concluiu em suas pesquisas a existência particular de um racismo no Brasil: um preconceito de não ter preconceito; este preconceito se revela na forma do particular, do íntimo, do privado, porque publicamente ele é silenciado. As conclusões de Florestan Fernandes afirmam que ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a outros. Além disso, a grande questão parece ser o de assumir oficialmente o preconceito, e não o de reconhecê-lo na intimidade.

Importante mencionar também que, de acordo com o autor, tal 'democracia' desempenhou a função de manter o *status quo* que, só começou a ser contestado quando os próprios negros alcançaram condições materiais e intelectuais de combater tal ideologia que retratava não só as ideias das elites burguesas, mas também o posicionamento Estatal.

Baseando-se em concepções marxistas, Florestan entende que os negros na condição de escravos, sob um modo de produção pré – capitalista, não tinham condições de iniciar uma luta que pudesse combater efetivamente o regime escravocrata. Nesse sentido, entende-se que a escravidão pode ser identificada como a pedra basilar no processo de acumulação do capital, instituída para sustentar dois grandes ícones do capitalismo comercial: o mercado e o lucro.

Em seus estudos, Florestan critica a obra de Freyre uma vez que nela as relações de dominação no Brasil são ocultadas, quando foram violentas e cruéis. É visível na obra freyreana a tentativa de mostrar o homem branco tratando seu escravo com bondade, suavidade e ternura. Por isso, considera-se que Freyre teria apagado as tensões e as agudas contradições reais que caracterizaram as relações sociais entre senhores e escravos.

Neste sentido, as análises de Florestan Fernandes, abordam a temática racial tendo como fundamento a esfera da desigualdade. De acordo com o sociólogo (FERNANDES, F 2003):

A escravidão suave é um mito cruel a ser destruído (...) falar em suavidade e ternura nas relações senhor/escravo é ir cinicamente contra os fatos. A corrente de pesadores contrária a Freyre afirma que a organização e regularidade da produção para exportação em larga escala, ensejavam a compulsão ao trabalho; para obtê-lo, coerção e repressão seriam as principais formas de controle social do escravo.

As pesquisas de Florestan Fernandes são consideradas análises importantíssimas para os anos 50 e gerações posteriores. Fernandes abordou a escravidão e foi além, procurou debater a questão negra no país a fim de fazer toda a nação refletir acerca do tema.

As relações, processos e estruturas sociais que constituíam a ordem social escravocrata estavam amplamente permeadas pelas mais diversas formas de discriminação e operavam no sentido de manter a posição e as relações recíprocas existentes entre as 'raças' a que pertenciam os senhores e as 'raças' em que se recrutavam os escravos. Assim, o negro e o escravo confundem-se. Na linguagem cotidiana, principalmente nas das pessoas que pertenciam às camadas superiores, tais denominações eram sinônimas e intercambiáveis. Negro equivalia a indivíduo privado de autonomia e liberdade; escravo correspondia (em particular do século 18 em diante), a indivíduo de cor.

Com os estudos realizados Florestan Fernandes e seu grupo de pesquisa foi possível constatar que os indivíduos negros ou mulatos sofriam no Brasil uma dupla proibição, o acesso às classes sociais que pressupunham regalias e garantia de direitos, vedados pela 'condição social' e pela 'cor'.

Estas considerações levaram Florestan a construir uma crítica à democracia racial de Gilberto Freyre:

Depois de praticamente quatro séculos de escravatura, de contínua e retirada metamorfose do africano em escravo, do escravo em negro, do negro em braçal, diferente, outro, a tese da democracia racial soa como invenção, talvez bem-intencionada, talvez, cruel.

Florestan critica ainda a ideia de que com a abolição da escravidão e a proclamação da República a harmonia das raças, paz social entre negros e brancos tivessem sido sacramentadas. A utopia de que o negro não teria problemas no Brasil, já

que houve a revogação do estatuto servil, que as oportunidades de acumulação de riqueza, conquista de prestígio social e poder estariam abertas a todos é a todo tempo desconstruída pelo sociólogo.

1.3.2 A situação dos negros após a escravidão

A ausência de meios de resistência à escravidão se manteve também pós- abolição e fez com que os negros ainda vinculados àquela forma de vida, encontrassem dificuldades de inserção na sociedade. De certa forma, podemos compreender a exclusão do negro do cenário social como consequência direta do processo de abolição da escravidão. Em outras palavras, a inserção do negro aconteceu de forma lenta com a ocupação dos setores mais subalternos na sociedade.

Nesse sentido, acerca da cultura do preconceito racial e da discriminação no Brasil, Florestan (FERNANDES, F, 1978, p.72) afirma:

(...) o preconceito e a discriminação racial apareceram no Brasil como consequências inevitáveis do escravismo. A persistência do preconceito e discriminação após a destruição do escravismo não é ligada ao dinamismo social do período pós-abolição, mas é interpretada como um fenômeno de atraso cultural, devido ao ritmo desigual de mudança das várias dimensões dos sistemas econômico, social e cultural.

Após a proclamação da República, observa-se a inserção desigual dos vários grupos raciais na economia competitiva, ressaltada por Fernandes como processo de racionalização econômica em curso visando a constituição de um novo modelo de organização da vida econômica e social. Nesse processo, evidentemente, ainda segundo Fernandes, a integração do negro foi retardada uma vez que o processo imigratório colocado em prática pelo governo nacional priorizou a utilização de braços europeus dentro de uma concepção, então em voga, de que os imigrantes brancos representavam o advento da civilização e da modernização da sociedade nacional. Assim, tomemos a afirmação de Fernandes (FERNANDES, F .1978, p.27):

O estrangeiro aparecia,(...), como a grande esperança nacional de progresso por saltos(...). Desse ângulo, onde o “imigrante” aparecesse, eliminava fatalmente o pretendente “negro” ou “mulato”, pois entendia-se que ele era o agente natural do trabalho livre.

Neste sentido, Florestan demonstra que o desenvolvimento da economia competitiva, principalmente em São Paulo frustrou as expectativas dos negros e mulatos, uma vez que esses indivíduos não estavam preparados dentro de um quadro de concorrência para enfrentar a adaptabilidade do trabalhador importado para aquelas

tarefas condizentes com a nascente economia capitalista. Portanto as oportunidades econômicas não seriam igualmente desfrutadas pelos grupos raciais em função do ponto de partida assimétrico a que foram submetidos. Acerca do tema, Florestan (FERNANDES, F .1978, p 51-52) afirma:

o regime escravista não preparou o escravo (e, portanto, também não preparou o liberto) para agir plenamente como “trabalhador livre” ou como “empresário”. Ele preparou- o, onde o desenvolvimento econômico não deixou outra alternativa, para toda uma rede de ocupações e de serviços que eram essenciais mas não encontravam agentes brancos. Assim mesmo, onde estes agentes apareceram (como aconteceu em São Paulo e no extremo sul), em consequência da imigração, em plena escravidão os libertos foram gradualmente substituídos e eliminados pelo concorrente branco.

A estrutura social fundada no período pós-abolição não absorveu a mão de obra negra em função de que o agente do trabalho escravo não contava com as condições sociais adequadas a essa nova realidade. Ou seja, o negro saindo de um modo de vida escravista encontrou todas as dificuldades de adaptação à estrutura social em construção. O processo de inserção, por consequência, teria que ser doloroso e excludente.

A situação de marginalização do negro na visão de Florestan é um reflexo da permanência de características da ordem escravocrata pré-capitalista que ainda não foram eliminadas pela ordem capitalista competitiva brasileira, mas que devido ao processo de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção terão as condições objetivas para inclusão mão- de – obra negra no mercado de trabalho capitalista.

Para Florestan, para a consolidação da sociedade de classes no Brasil, bem como a inserção dos negros nessa sociedade deveria ter sido realizado um novo protesto pelos negros, uma espécie de “segunda abolição” onde, juntos com os brancos proletariados lutariam pela superação da dominação capitalista. Faz-se necessário então trazer à baila o seguinte discurso (FERNANDES, F 2003):

Cabe às classes subalternas e as camadas populares revitalizar a República democrática, primeiro, para ajudarem a completar, em seguida, o ciclo da revolução interrompida, e por fim, colocarem o Brasil no fluxo das revoluções socialistas do século 20. O que sugere a complexidade do formoso destino que cabe ao negro na cena histórica e no vir a ser político. A revolução da qual ele foi motivo não se concluiu porque ele não se converteu em seu agente-e, por isso, não podia levá-la até o fim e até o fundo. Hoje a oportunidade ressurgiu e o enigma que nos fascina consiste em verificar que o negro poderá abraçar esse destino histórico, redimindo a sociedade que o escravizou e contribuindo para libertar a Nação que voltou às costas á sua desgraça coletiva e ao seu opróbrio

Destaca-se que a tese do despreparo do negro para o mercado de trabalho foi sustentada não só por Florestan Fernandes, mas também por intelectuais do porte de Otavio Ianni, Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso dentre outros.

Uma crítica é feita à tese do despreparo dos negros uma vez que, de acordo com alguns sociólogos, ao elaborar a tese da inadequação do negro ao trabalho livre, Florestan acaba no plano ideológico corroborando com o discurso colonizado das elites intelectuais e econômicas da primeira república que via no modelo de civilização europeu um padrão a ser seguido, ou seja, se por um lado aponta o caráter racista da sociedade de classes brasileira, de outro ideologicamente acredita, assim como as elites na superioridade técnica e moral dos imigrantes europeus.

1.3.3 O mito da democracia racial na sociedade contemporânea

De acordo com as argumentações teóricas presentes na obra *A integração do negro na sociedade de classes* (1978) há, no plano ideológico, um fator importante que atua no sentido de manter a marginalização do negro, apesar do estabelecimento da ordem competitiva capitalista, o chamado mito da democracia racial.

Ainda nos dias atuais esse mito age no sentido de mascarar as condições e os efeitos negativos da escravidão imposta sobre o negro na situação contemporânea. Com isso as elites dentro dessa ótica “não precisavam levar a revolução social a esfera das relações sociais” (Fernandes, 2003).

A afirmação de que a democracia racial no Brasil não é um fato que se verifica na realidade é com certeza uma das mais importantes conclusões de Florestan e de seus seguidores da chamada escola paulista das relações raciais. Pois, na medida em que combate às teses de Gilberto Freyre de harmonia racial que, durante anos, serviram tão bem às manipulações ideológicas do Estado novo e das elites dominantes da época demonstra através de pesquisas empíricas a condição de marginalização econômica, política e social dos negros e seus descendentes no Brasil.

Com isso pode-se concluir de uma maneira preliminar os principais argumentos teóricos expostos por Florestan que condições do negro no século XX são os seguintes: a marginalização tem causas histórico-sociais que influenciaram diretamente na exclusão de negros e pardos da competição em condições iguais ao do branco na

sociedade de classes. Estas causas se referem à permanência de certas características da economia escravista como o baixo desenvolvimento das forças produtivas e a permanência do modo de produção agrário.

Nesse sentido a introdução do trabalho livre de forma predominante e legalmente admitida se deu no Brasil com a preservação de um dos principais pilares da antiga economia escravista: o modo de produção agrário-exportador. Aos negros dentro dessa perspectiva sobrou o papel de peças inúteis dentro da nova ordem capitalista sendo gradativamente substituídos pela “civilizada” mão-de-obra do branco europeu.

O título da obra *A Integração do Negro na sociedade de classes* é ao mesmo tempo a principal tese que Florestan procura defender ao longo da obra, ou seja, para que o negro supere a sua condição de inferioridade é preciso que este se adapte as condições da sociedade competitiva superando sua antiga “herança cultural rústica” (Fernandes, 1978). Aumentando com isso a massa de proletários ou de sujeitos históricos da superação da exploração e da dominação de classes capitalista. E nesse sentido é importante observar esta fala do autor: (FERNANDES, F. 1978-pg175-176).

Acresce que, entre 1939 e 1945, as oportunidades de emprego das populações nacionais aumentaram rapidamente em conexão com os influxos da II grande guerra na intensificação e na diferenciação de nossa produção industrial. Pela primeira vez, em nossa história econômica recente, o “negro” adquire possibilidades reais de fazer parte permanente do mercado trabalho livre. Nessas condições, abriram-se as vias que iriam inseri-lo na vida economicamente ativa da cidade.

Desta forma, verifica-se que a produção teórica de Florestan sobre a condição do negro é um trabalho sociológico de grande importância ainda nos dias atuais tendo em vista que as propostas de políticas afirmativas levam em conta em grande parte a desconstrução do mito da democracia racial e os efeitos de sua adoção durante anos no Brasil.

2. Conclusão

Ao analisar as produções dos dois autores, é possível identificar que ambos abordam por meio de pontos de vistas distintas a mesma questão: o papel do negro da construção da sociedade brasileira.

Florestan buscou priorizar as questões sobre racismo e desigualdades sociais na sociedade brasileira mostrando o lado sombrio da escravidão por meio de um discurso

homogêneo que aos olhos de nosso tempo presente, vitimizou a história do negro escravo em nossa sociedade. Os espaços de negociações são quase inexistentes, o que aponta para uma história do poder unilateral dos senhores, diante dos escravos “coisificados” como defendeu Fernando Henrique Cardoso nos anos 60.

Para Florestan o principal problema da sociedade brasileira no século XX é a inserção do negro na sociedade de classes para que então seja possível o pleno desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção capitalistas. Com isso, dentre esquema teórico conceitual marxista estariam dadas às condições objetivas para superação da dominação e exploração capitalistas com a formação de uma classe revolucionária capaz de implantar a revolução socialista no país.

Do ponto de vista teórico em geral a análise de Florestan concebe a história da trajetória dos negros no Brasil de uma maneira linear, ou seja, estes têm condições de passarem do estado de passividade à condição de sujeitos da história desde que sejam integrados a sociedade de classes. Contudo, esses equívocos não são privilégios apenas da análise deste pensador na medida em que diversas correntes da sociologia e da história ora afirmavam o caráter absoluto da dominação escravocrata, ora afirmavam a resistência intransigente dos negros à escravização.

Quanto à obra de Freyre, *Casa Grande & senzala*, é considerada por muitos críticos como o maior livro sobre a sociedade brasileira, uma vez que analisou as contribuições culturais dos três pilares sociais de nossa singularidade: o branco, o negro e o índio, por intermédio de um enredo inovador para o seu tempo, falando de culinária, linguagem e de sexualidade.

As considerações de Freyre sobre as ausências de tensões sociais são plausíveis tendo em vista que, ele era filho do passado escravista: um passado em que o Brasil de senhores de engenho, escravos, casas grandes e senzalas.

Nosso autor, ao analisar esses três pilares de nossa formação, quer mostrar que existe uma especial combinação no Brasil, talvez um de seus mais importantes traços: aqui os extremos tendem a conciliar-se. Observa-se que Os títulos dos dois primeiros livros são ilustrativos dessa intenção: *casa-grande* e *sobrado* simbolizam dominação; *senzala* e *mocambo*, subordinação, submissão. O "&" entre as duas palavras significa interpenetração.

3. Referencias bibliográficas

CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio. In FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

DOMINGUES, Petrônio José. Uma Historia não Contada: Negro, Racismo e Branqueamento em São Paulo no Pós-Abolição. São Paulo: Senac, 2004.

FERNANDES, F. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. vol. 1 e 2. São Paulo: Àtica, 1978

FERNANDES, Florestan. O Mito Revelado. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, Ano III, Número 26, julho de 2003. Disponível em: www.espaçoacademico.com.br/026/26hbrasil.htm. Acesso em: 25 de julho de 2016.

FERNANDES, F. O Negro no Mundo dos Brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. 5. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1968.

GORENDER, Jacob. Escravismo Colonial. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

IANNI, Octávio. A Sociologia de Florestan Fernandes. Estudos avançados 10 (26), 1996

REIS, José Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2000.